

## **As vozes femininas que ecoam nas ondas da Rádio Federal FM. The female voices that echo in the waves of the Federal FM Radio.**

**Silvana de Araújo Moreira<sup>1</sup>  
Lorena Almeida Gill<sup>2</sup>**

**Resumo:** A mulher foi, por muito tempo, colocada à margem do mundo do trabalho formal, sendo de sua responsabilidade o cuidado da casa e dos filhos. Já ao homem cabia o papel de chefe do lar e a esfera pública. A própria história focou por muito tempo nos homens para explicar os processos econômicos, culturais, sociais, políticos e religiosos que permeiam a sociedade. Muita coisa mudou, mas é evidente que a sociedade ainda mantém lugares reservados aos homens e outros que são quase exclusivos das mulheres. O tema de gênero foi pensado dentro de uma pesquisa historiográfica maior que tem por objetivo pesquisar a história da Rádio Federal FM, a partir do ofício de radialista e das transformações pelas quais passou para sobreviver às novas tecnologias, bem como o impacto no cotidiano desses profissionais. Esta pesquisa revelou que o rádio é um ambiente prioritariamente masculino. Sendo assim, torna-se importante um estudo mais aprofundado sobre a participação da mulher dentro do rádio, em especial da Rádio Federal FM, identificando as mulheres que trabalham e trabalharam na emissora e as dificuldades que passaram em busca de espaço. O estudo apresentado utilizará como principal metodologia a história oral, de forma a analisar e compreender a trajetória dessas trabalhadoras.

**Palavras-Chave:** rádio; história oral; Federal FM; mulheres; radialistas.

**Abstract:** Women have been, for a long time, marginalized from the formal labor market, being assigned the responsibility of taking care of the household and of the children. To men it was assigned the responsibility of providing for the home and acting on the public sphere. The discipline of History itself has often focused on men to explain the economic, cultural, social, religious and political processes which permeate society. A lot has changed, but society still evidently reserves places for men while others remain exclusive for women. In this paper, the subject of gender was considered within a larger historiographic research framework aiming at understanding Rádio Federal FM's history, focusing on the craft of broadcaster and the changes it underwent in order to survive the new technologies, as well as their impact on these professional's daily lives. This research has revealed that radio is a primarily male environment. That being the case, a more profound look at women's participation in radio is in order, specially at Rádio Federal FM, identifying women that work or have worked at the station and the difficulties they have faced while trying to make room for themselves. This paper is based on the methodology of oral history, and aims at analyzing and understanding the trajectory of these working women.

**Keywords:** radio; oral history; Federal FM; women; broadcasters.

### **INTRODUÇÃO**

Existem várias polêmicas sobre o início do rádio, sobretudo no Brasil com as invenções de Padre Roberto Landell de Moura mas, para a maioria dos autores, este equipamento surgiu em 1896, com a criação do primeiro aparelho de rádio do mundo pelo físico e inventor Guglielmo Marconi (FERRARETTO, 2001). Contudo, as

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Universidade Federal de Pelotas. Especialista em Comunicação Pública pela Universidade Gama Filho. Graduada em Jornalismo e em Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pelotas. Email: [sissamoreira@gmail.com](mailto:sissamoreira@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Doutora dos Programas de Pós-Graduação em História e Sociologia da Universidade Federal de Pelotas. Email: [lorenaalmeidagill@gmail.com](mailto:lorenaalmeidagill@gmail.com)

primeiras emissoras de rádio surgiram após a Primeira Guerra Mundial, em 1920, nos Estados Unidos.

No Brasil o rádio surge em 1922, com a transmissão do discurso do presidente Epitácio Pessoa, em comemoração ao centenário da Independência do país. Já a primeira emissora foi inaugurada no ano seguinte, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, doada ao Governo Brasileiro anos depois e, atualmente, denominada Rádio MEC.

O Rádio no Brasil nasceu educativo e cultural pela iniciativa do cientista e educador Edgar Roquette Pinto, na sala de Física da Escola Politécnica, na cidade do Rio de Janeiro. A Rádio Sociedade inaugurada em 20 de abril de 1923 foi o laboratório vivo da primeira manifestação, em nosso país, da tecnologia sendo usada como meio de levar educação para muitos, rompendo os muros da escola formal (BLOIS, 2003, p.35).

A Universidade Federal de Pelotas recebeu a concessão para atuar com uma emissora de rádio em 1977. A emissora, nomeada como Rádio Cosmos, iniciou as suas transmissões experimentais em 1980 e foi inaugurada oficialmente no ano seguinte, com uma equipe masculina em sua totalidade. Em sua história, muitos homens fizeram parte do cotidiano da rádio, cerca de vinte, porém apenas sete mulheres trabalharam na emissora de forma efetiva, quatro delas atuando como radialistas e três na secretaria. Atualmente, a emissora conta com uma equipe formada por onze radialistas homens, um secretário homem, uma locutora mulher e uma secretária mulher.

Este artigo se propõe a pesquisar a história da Rádio Federal FM e a trajetória das mulheres que fizeram parte do seu cotidiano, através da metodologia de história oral, tendo como base as construções de narrativas realizadas nos meses de agosto e outubro de 2017, respectivamente, com uma das principais vozes da emissora, a locutora Maria Alice Estrella e com a diretora de produção aposentada, Vera Lopes e em outubro de 2018 com as jornalistas Zari Machado e Teresa Cunha. Ainda como apoio, foi utilizada uma entrevista semiestruturada<sup>3</sup> com o ex-diretor da emissora, João Manoel dos Santos.

A metodologia de História Oral consiste em construir narrativas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos. O material produzido é utilizado como fonte histórica. Segundo Meihy e Holanda (2001), o narrador deve ser escolhido de forma a contribuir com o projeto de pesquisa, através de seu conhecimento sobre o

---

<sup>3</sup> Ainda que a metodologia utilizada para este artigo seja a História Oral, em apenas um caso não foi possível a construção de diálogo com o narrador, já que este solicitou que as perguntas fossem enviadas para ele para serem respondidas posteriormente.

assunto que será tratado. Esta pesquisa se vincula ao que se convencionou chamar de História Oral Temática, vertente da metodologia que, segundo Meihy e Holanda (2001), tem o objetivo de discutir um assunto definido, o tema de pesquisa. Neste sentido, as entrevistadas contribuirão, a partir da memória dos narradores, para mostrar o cotidiano do trabalho na Rádio Federal FM.

Para o conceito de cotidiano, utiliza-se Heller (2008, p. 31) para quem: a pessoa participa na vida cotidiana em todos os aspectos de sua individualidade e isso certamente inclui a questão laboral.

Já a memória é pensada a partir de Candau (2012, p. 23) como de alto nível, por se relacionar, especialmente a saberes e fazeres dos narradores. Trata-se de uma “[...] memória de recordação ou reconhecimento, evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc)”.

Dessa forma, o objetivo principal desta pesquisa é subsidiar a constituição da história da Rádio Federal FM, tendo como foco as vozes femininas que deram vida à Rádio Federal FM. Esta análise faz parte de uma pesquisa mais ampla, que abordará o ofício dos radialistas da emissora e suas adequações na busca para manter o rádio como veículo de comunicação de massa.

## **1. AS MULHERES NA HISTÓRIA**

A história das mulheres no Brasil e no mundo é marcada pela discriminação, preconceito, além da luta, da resistência e de algumas conquistas. Aos poucos, as mulheres foram conquistando espaços antes atribuídos apenas aos homens e incorporando uma atitude de protagonista em relação à história.

No momento em que a história passou a existir como ciência, por muito tempo, os historiadores eram homens que escreveram suas pesquisas tendo como base o ponto de vista masculino e os personagens masculinos da história. As mulheres permaneceram invisíveis por muito tempo, colocadas à margem dos principais acontecimentos do mundo. Esses aspectos refletiam o cotidiano hierarquizado que demonstrava a superioridade do homem em relação à mulher naquela época. Para Colling (2004), o problema não está refletido nas diferenças e sim no modo como elas são hierarquizadas, mostrando a mulher como diferente e inferior ao homem, sendo que diferença não deve

justificar a discriminação. A autora acredita que, a partir dos estudos de gêneros é possível:

[...] introduzir na história global a dimensão da relação entre os sexos, com a certeza de que esta relação não é um fato natural, mas uma relação social construída e incessantemente remodelada (COLLING, 2004, p.28).

Foi a partir da Segunda Guerra Mundial que os movimentos sociais se constituíram mais fortemente, abrindo espaço para que as mulheres passassem a participar com mais protagonismo das esferas sociais, políticas e econômicas. Ainda assim, sempre existiram várias diferenças entre os papéis dos homens e das mulheres em um mesmo ambiente de trabalho.

No espaço público, aquele da cidade, homens e mulheres situam-se nas duas extremidades da escala de valores. Opõem-se como o dia e a noite. Investido de uma função oficial, o homem público desempenha um papel importante e reconhecido. Mais ou menos célebre, participa do poder. Talvez lhe deem um enterro com honras nacionais. É candidato em potencial ao Panteão dos Grandes Homens que a Pátria reconhecida homenageia. Depravada, debochada, lúbrica venal, a mulher – também se diz ‘rapariga’ – pública é uma ‘criatura’, mulher comum que pertence a todos (PERROT, 1998, p. 7).

No Brasil, no século XIX, o magistério era uma das únicas fontes de renda pertinente para mulheres instruídas, devido a concepção de que, para a mulher, a maternidade também as tornava responsável pela educação. Já no século XX, o trabalho da mulher era visto como uma forma de superação às crises econômicas e sociais que assolavam o país. Contudo, o trabalho não poderia atrapalhar os afazeres domésticos das mulheres. Haviam funções destinadas exclusivamente ao público feminino que jamais colocavam a mulher em uma posição de competição com o homem, muito menos de autoridade sobre eles. Com salários mais baixos em relação aos salários dos homens que desempenhavam a mesma função, era comum que as mulheres exercessem as profissões de professora, enfermeira, secretárias e telefonistas, além daquelas que se vinculavam ao mercado mais informal e, muitas vezes, reproduziam suas funções na casa, como lavadeiras, doceiras, costureiras, dentre outras.

Atualmente, o setor terciário é o que mais cresce, oferecendo emprego para todos, principalmente para as mulheres, sendo que cerca de 75% das mulheres que trabalham o fazem nesse setor. A maioria dos empregos que elas ocupam são marcados pela persistência de um caráter doméstico e feminino: importância do corpo e das aparências; função das qualidades ditas femininas, dentre as quais as mais importantes são o devotamento, a prestimosidade, o sorriso etc. Pelo menos era o que ocorria até os anos 1980-1990 (PERROT, 2008, p.123).

Algumas leis e normas contribuíram para diferenças entre o trabalho masculino e feminino, como o Decreto nº 21.417 de 1932, assinado por Getúlio Vargas, que regulou as condições do trabalho das mulheres nos estabelecimentos industriais e comerciais. Ao buscar igualar o salário entre homens e mulheres, o decreto vetou o trabalho de mulheres em indústrias e comércios em horários noturnos, locais subterrâneos, construção civil, funções nas quais precisassem carregar peso e atuar em empregos considerados perigosos ou insalubres.

Já a Constituição de 1940 autorizou a diferença salarial de 10% a favor dos homens. A igualdade entre homens e mulheres, como relação aos direitos e obrigações só foi conquistada bem mais tarde, com a Constituição de 1988. Contudo, a atual realidade mostra um cenário bem diferente daquele preconizado pela legislação<sup>4</sup>.

O movimento feminista no Brasil tomou corpo na década de 1960, sobretudo com a grande resistência das mulheres à ditadura da época. Tal organização buscava marcar a política e lutar pelos direitos das mulheres e contra as discriminações e violências vividas por elas. Através do movimento, foi conquistado em 1988 a inserção de um artigo na Constituição que proibia a discriminação das mulheres em seus empregos.

Perrot (2008) cita as grandes reivindicações do feminismo que, segundo ela, acabaram variando em temporalidade de acordo com o país. Para a autora as principais foram o direito ao saber, o direito ao trabalho, a obtenção dos direitos civis, os direitos políticos, o direito à reivindicação e a conquista dos direitos sobre o corpo.

Na imprensa brasileira, o ano de 1975, marcou o surgimento do primeiro jornal feminista alternativo que se tornou um espaço voltado ao despertar da mulher para as ideologias feministas. O jornal pautava questões como a luta contra a ditadura e a violência doméstica, o direito ao aborto e a manifestação da sexualidade, dentre outras.

O editorial do número zero do jornal, publicado em 9 de outubro de 1975, ao esclarecer seus objetivos, principalmente em sua primeira frase, criará muita polêmica: [...] Queremos falar dos problemas que são comuns a todas as mulheres do mundo. Queremos falar também das soluções encontradas aqui e em lugares distantes; no entanto, queremos discuti-las em função de nossa

---

<sup>4</sup> Segundo notícia publicada pela Agência IBGE, retirada do estudo Estatísticas de Gênero, as mulheres estudam mais, trabalham mais e ganham menos que os homens no Brasil (em média 76.5 do rendimento dos homens), atualmente. Ver: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem> Acesso em 30 de novembro de 2018.

realidade brasileira e latino-americana. A época do beicinho está definitivamente para trás, porque milhares de mulheres em todo o mundo fazem jornada dupla de trabalho, num esforço físico que faz com que uma jovem mãe de 30 anos pareça estar com mais de 50; mulheres que desejavam trabalhar e serem independentes economicamente de seus maridos [...] (LEITE, 2003, p. 238).

A resistência masculina contribuiu para as dificuldades encontradas na consolidação da inserção da mulher no mundo do trabalho. Um outro problema é que as próprias mulheres viam o trabalho com preconceito, tendo em vista a construção cultural em que estavam inseridas. De acordo com Lipovetsky (2000), essa realidade foi superada apenas depois que a liberdade sexual deixou de ser percebida como imoralidade. Segundo Colling (2004, p. 28):

Gênero tem sido o termo utilizado para teorizar a questão da diferença sexual, questionando os papéis sociais destinados às mulheres e aos homens. A categoria de gênero não se constitui numa diferença universal, mas permite entender a construção e a organização social da diferença sexual.

Nada obstante, a entrada das mulheres nas empresas de comunicação passou a ocorrer, prioritariamente, na década de 1970, com a regulamentação da profissão de jornalista em 1969 e com a abertura de várias graduações voltadas à formação na área de jornalismo. Antes disso, o rádio recebeu muitas mulheres em sua rotina de trabalho, porém tal situação ocorreu nas radionovelas e musicais e não exatamente nas funções da radiodifusão. Nestes programas as mulheres eram retratadas de acordo com as regras de boas maneiras da época. Em 1932, com a liberação do uso de publicidade nas emissoras de rádio, tornando-o comercial, começam a surgir vários ídolos, cantores e cantoras que passaram a influenciar o público. Contudo, conforme informa Borges em estudo em que analisa a trajetória dessas mulheres nas revistas da época, a representação da vida das cantoras era pautada:

[...] muitas vezes, em valores conservadores que se queriam propagar, a partir destas artistas, para o público consumidor da revista. Cantoras representadas como donas de casa, mães de família, boas filhas e boas esposas que forneciam diversos exemplos, a partir de seus próprios discursos, sobre comportamentos ideais para suas fãs em relação à sua via pessoal (BORGES, 2017, p. 8).

Apesar do papel social de contribuir com a realização e com as lutas contra a discriminação e exclusão das mulheres, muito devido a sua linguagem acessível e alcance, a presença feminina no rádio estava restrita às artistas que encantavam o

público com suas apresentações, porém as equipes de rádio eram prioritariamente masculinas.

Atualmente, a mulher conseguiu ampliar a sua participação no mundo do trabalho. Embora tenha ocorrido uma evolução, há setores da comunicação em que a atuação feminina ainda é pouco explorada. A televisão abriu as portas para as mulheres comunicadoras, porém o universo radiofônico ainda é um ambiente predominantemente masculino.

## **2. AS VOZES FEMININAS DA RÁDIO FEDERAL FM**

A Rádio Federal FM, frequência 107,9 FM, funciona a partir da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e foi a primeira emissora de caráter educativo a funcionar em canal de FM no Rio Grande do Sul (FONSECA, 2007), então Rádio Cosmos. Na época já existiam rádios educativas no Rio Grande do Sul, porém em amplitude modulada como mostra Zuculoto (2015):

A primeira foi a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma AM inaugurada oficialmente em 1957, em Porto Alegre, capital gaúcha. Outra AM universitária deste período é a da Universidade Federal de Santa Maria, no município do mesmo nome, igualmente no Rio Grande do Sul (ZUCULOTO, 2015, p.71).

A liberação da transmissão pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) do Ministério das Comunicações ocorreu com a Portaria 953, em 14 de setembro de 1977. O instrumento legal outorgava permissão à Universidade Federal de Pelotas para estabelecer, sem direito de exclusividade, uma estação de radiodifusão sonora em frequência modulada, com fins exclusivamente educativos, sob a denominação de Rádio Cosmos, conforme foi noticiado pelo Diário Popular<sup>5</sup>.

Em 1980, a Rádio Federal FM passou a transmitir a programação em caráter experimental. Passado o período de experimentações, a Rádio Cosmos teve sua inauguração oficial no dia 08 de janeiro de 1981. A equipe que iniciou os trabalhos da Rádio Cosmos foi composta pelos servidores Cleber Luiz Zurchimitten, Francisco Luis da Silva Magalhães, Giovani Mendes da Silva, Luiz Virgílio Lopes Padilha, Paulo de Oliveira Mancini, Roberto Gustavo Engelbrecht e Rudinei Tellier de Freitas, com a

---

<sup>5</sup> Jornal Diário Popular. 22 de setembro de 1977. Acervo da Biblioteca Pública Pelotense.

coordenação de José Marques da Cunha. Pode-se notar que a estrutura inicial da Rádio Federal FM era composta por homens em sua totalidade.

No decorrer da sua história, a Rádio teve a participação de cerca de vinte profissionais homens em seu quadro técnico e apenas sete mulheres, conforme já dito. Dessas sete mulheres, três estão ligadas aos serviços de secretaria e apenas quatro realmente desempenharam as suas funções como radialistas, uma como diretora de produção, Vera Lopes, que entrou na Universidade em 1983 e foi a primeira diretora mulher da Rádio Federal FM. Vera assumiu a direção da emissora em 2013, nos 32 anos da emissora, ficando no cargo até a sua aposentadoria em 2014. Zari Machado assumiu como assistente administrativa em 1977, trabalhando inicialmente como secretária da Faculdade de Biologia. Em 1983, após formar-se em Jornalismo, a servidora assumiu a função de redatora na Rádio Federal FM, mas seguiu com o cargo de assistente administrativa até sua aposentadoria. Já Teresa Cunha entrou por concurso em 1990 e assumiu o cargo de jornalista, trabalhando por um ano e meio na emissora. Depois deste período, Teresa foi convidada a chefiar a Assessoria de Imprensa, se dedicando um ano a essa função. Após enfrentar problemas políticos dentro da instituição, a servidora acabou saindo da Universidade, através do Plano de Demissão Voluntária, já que pensava estar sendo subaproveitada em sua função. Atualmente, apenas uma radialista integra o corpo da Rádio, a locutora Maria Alice Estrella que ingressou como assistente administrativa em 1993, trabalhando na Reitoria da Instituição. Maria Alice que na época declamava poemas, foi convidada a trabalhar na rádio em 1995, por ter uma boa voz. Além dela, há atualmente na Rádio uma secretária, que não desempenha nenhuma função radiofônica de fato.

A radialista Vera Lopes ingressou na Universidade em janeiro de 1983, como produtora cultural com a responsabilidade de cumprir um contrato da Rádio com o Sistema Nacional de Rádios Educativas – Sinred, que tinha o objetivo de produzir uma programação regional a ser distribuída entre as rádios educativas do País. O Sinred foi extinto na década de 1990. O programa tinha o nome de Meu Brasil Brasileiro e, segundo Vera:

[...] era um projeto com a finalidade de divulgar peculiaridades das cidades e dos diversos recantos do Brasil. Então, aí é que foi a minha participação, precisava de um redator, um produtor, um redator, mas que fosse também um produtor e a minha primeira tarefa dentro da Rádio Federal foi exatamente essa, cumprir esse contrato.

Nesse primeiro momento, Vera Lopes foi contratada como recibada, já em setembro daquele ano, entrou para o quadro efetivo da Universidade. Em sua narrativa, fica claro o carinho e o orgulho que Vera tem do programa que ajudou a conceber, principalmente da edição que foi premiada pela Rádio MEC, emissora sede do Sinred. O programa teve como tema a camisa canarinho desenhada pelo jaguareense Aldyr Schlee e contou com a participação do professor da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel da UFPel, José Antônio Duarte da Silva, que fez parte da seleção brasileira vestindo a camisa canarinho no pan-americano de 1956, disputado no México<sup>6</sup>. Segundo Vera:

E um dos programas que nós fizemos que foi muito bem sucedido e foi considerado um dos cinco melhores daquele ano foi o da camisa canarinho, porque juntou uma série de coincidências. O fato de ela ter sido desenhada pelo Schlee, que ele já não aguenta mais (risos), mas foi...o fato de que um dos primeiros jogadores que usaram aquela camisa canarinho foi uma equipe aqui do Rio Grande do Sul representando o Brasil em um pan-americano e o capitão da equipe era um professor da Agronomia depois que ele deixou a vida de jogador de futebol, ele já era formado em Agronomia, o José Antônio Duarte da Silva, que o nome dele como jogador de futebol era Duartão, ele era o capitão da equipe, então aquela equipe tinha mais gente... eu não sei... eu sei que eu entrevistei para fazer esse programa passagens com o Schlee, passagens com o Duartão, enfim a gente compôs o programa e foi considerado muito bem sucedido e uma boa locução, isso em (19)84.

Contudo ao rememorar momentos da rádio, a radialista lembra que a seleção de música era feita de acordo com o gosto do reitor da época. Além disso, no seu início, a programação ao vivo era proibida. A emissora veiculava apenas conteúdo gravado, tendo como justificativa o fato de ser educativa e, dessa forma, não poder dar margem para erros que todo o ao vivo estaria propenso a ter.

[...] então a gente era praticamente isolado lá (campus Capão do Leão), claro com as notícias da UFPel ali porque a Comunicação Social era lá, adaptava aquilo, mas tinha toda uma possibilidade de dar uma fresta de ao vivo. Que eu acho que sempre o grande encaixe foi a rádio gravada. E aí o gravado se confundiu, primeiro porque nós somos uma rádio educativa e nós não podemos errar no português, nós não podemos errar, nós não podemos errar ao vivo, quer dizer, tem que ser gravado porque tem que sair perfeito e isso aí por si só congela, já tira o ímpeto do rádio. [...] mas então, assim... junto com a questão de não pode errar, isso e aquilo... a nossa rádio era toda gravada e depois eu me dei conta, um pouco depois que isso realmente era censura, não é apego pela perfeição, não é proposta de perfeição. É porque ela sendo gravada eu posso tirar... né?... (LOPES, 2017).

---

<sup>6</sup> A história do jogador foi encontrada no site <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/duarte-867> Acesso no dia 15 de outubro de 2017.

Em sua narrativa, Zari Machado também lembra sobre a época que a rádio era gravada. A jornalista acredita que, para além das questões de censura, a emissora não tinha infraestrutura e pessoal suficientes para uma grade de programação ao vivo.

Na realidade para nós o mais interessante foi quando começou o ao vivo, porque diziam: ah, tudo notícia engessada, e a gente tinha que aguentar ouvir, porque na realidade não tinha uma coisa ao vivo, não tinha unidade móvel, não tinha pessoal disponível para isso, o microfone era um só, depois que surgiu o celular aí facilitou, porque cada um tinha o seu celular [...] (MACHADO, 2018).

Zari conta que quando iniciou na emissora era responsável pela redação de dois programas, o Acontece em Pelotas e o Agenda UFPel, ambos eram apresentados pelo colega Cleber Luiz e composto por notícias curtas sobre a cidade e a Universidade. Em sua fala, a jornalista mostra um pouco da realidade da época em relação a composição das equipes nas rádios da cidade. “Quando eu cheguei lá, só tinha a Vera Lopes e a Nádia, que era secretária. Na Pelotense tinha uma que fazia um programa de noite, uma mulher famosa, lindíssima, não lembro o nome dela, [...] mas eram poucas...”

Ainda sobre a censura que Vera Lopes apontou como relacionada ao fato de a programação ser toda gravada no início da Rádio Federal FM, a radialista lembrou de outro episódio que ocorreu durante a realização do programa de entrevistas que esteve à frente durante a maior parte de sua trajetória na emissora, o Federal Entrevistas. O programa em seu início era semanal, de meia hora e contava com a participação de entrevistados da comunidade acadêmica da UFPel, como membros da administração e professores. Mais tarde, o programa passou a ser diário e o microfone começou a ser dividido com outro jornalista da Universidade, Luís Carlos Vaz, época em que o caso ocorreu.

[...] eu particularmente tive um problema com um programinha que eu tinha lá, [...] Teve uma época que ele era diário, e numa dessas entrevistas que a gente fez, eu me lembro que teve um incidente que houve um problema com a comida servida no restaurante e deu um ‘piriri’ lá na turma que frequentava o restaurante universitários e a gente começou a entrevistar, o pessoal foi para lá e quando foi no outro dia, nós estávamos no ar e o coordenador da comunicação social chegou lá e disse: ‘- Olha eu vim aqui para comunicar que este é o último programa...’ e foi assim, uma censura explícita ao vivo, nada sutil. [...] e isso aí já tinha acabado a ‘dita-cuja’ (ditadura) há muito tempo (LOPES, 2017).

Esse fato, que não parece estar associado às questões de gênero, tendo em vista que a apresentação do programa era dividida com outro entrevistador do sexo

masculino, demonstra que além das dificuldades comuns ao trabalho feminino, outras dificuldades, de cunho político também colocavam barreiras ao trabalho realizado.

Considerando que uma emissora pública e educativa deve dar voz a todos, tendo como base uma programação pública e democrática, a censura vai de encontro aos princípios da radiodifusão educativa. Mendell (2011) destaca alguns princípios centrais para definir a radiodifusão pública, entre eles a liberdade de expressão, que permite que as informações fluam livremente, dando manutenção aos direitos humanos. Para o autor: “A liberdade de expressão tem uma natureza dual, uma vez que ela protege não apenas o direito de comunicar informações e ideias (o direito do emissor), mas também os direitos de buscar e receber informações e ideias (os direitos do receptor)” (MENDELL, 2011, p.11). A pluralidade e a diversidade também são características que devem permear o fazer rádio. Os ouvintes devem ter acesso a diferentes interpretações e análises.

É por terem disponível um leque de pontos de vista que os indivíduos podem exercer a plena cidadania, escolhendo entre perspectivas concorrentes, à medida que se engajam no processo de tomada de decisões públicas. Em relação à radiodifusão, as ondas de rádio são um recurso público e devem ser usadas em benefício do público como um todo, incluindo as visões ou os interesses das minorias (MENDELL, 2011, p. 19).

Nesse sentido, para Vera Lopes, o episódio no Restaurante Universitário era mais um entre tantos acontecimentos dentro da Universidade e, dessa forma, uma informação de utilidade pública para a comunidade acadêmica que poderia naturalmente compor o conteúdo da emissora.

O responsável lá pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis não gostou... e nada mais natural que um dia a comida estar estragada e pronto, não é de propósito sabe? É um negócio assim que a gente realmente encontra barreiras e dificuldades absolutamente desnecessárias que consomem uma grande energia e aí, mais ou menos a gente foi só sobrando e nadando de braçada e tal (LOPES, 2017).

Mais tarde o programa passou a ser veiculado novamente dentro da programação da Rádio Federal FM, utilizando o estúdio particular do chefe da comunicação à época, situado no centro da cidade de Pelotas, o que facilitou a produção do programa. De acordo com Vera Lopes o convite para o retorno ocorreu com a mudança da administração da UFPel, em 2005, a pedido do então reitor Cesar Borges, para comemorar o Dia da Mulher. Na ocasião, a Universidade receberia a visita da então deputada estadual Miriam Marroni.

[...] o diretor da Rádio, que era o Roberto Engel, chegou para mim e disse: olha o Cesar quer que tu faças um programa especial para o dia da mulher. Que é 8 de março, a Miriam Marroni vem na universidade para fazer uma visita, já era deputada, eu acho, se não era deputada ela já tinha um cargo público e veio esse recado do Cesar e eu: ah, mas com muita alegria, eu gosto muito da Miriam, mas independente de gostar da Miriam, eu: Oh podemos falar (risos). Sim, porque uma censura tão absurda, tão descabida que eu nem vou comentar sabe? Porque realmente é aquela coisa de obscurantismo, não cabe... (LOPES, 2017).

Sobre as suas experiências em veículos de comunicação Vera Lopes (2017) diz que geralmente eram ambientes com muitos homens. Em sua vivência como estagiária do Jornal do Brasil, em 1968, a entrevistada relembra que “era isso aí uma redação de jornal, muito homem, pouquíssima mulher, mesmo as estagiárias eram muito poucas, e ali a gente foi aprendendo...”, mais precisamente sobre o ambiente do rádio em Pelotas, ela relata a sua trajetória.

A rádio é um ambiente muito masculino, não só da Rádio Federal, mas todas as rádios que eu frequentei, para te falar a verdade, é um ambiente muito masculino e então sempre tem aquela imposição do empoderamento do macho e as mulheres vão abrindo espaço meio a fórceps, não é fácil, não foi fácil, porque ninguém dá espaço, ninguém dá poder, isso é uma coisa que tu tens que conquistar, ou porque tu és eficiente, ou porque tu és abusada mesmo, ninguém vai dividir poder contigo (LOPES, 2017).

Teresa Cunha também conta em sua narrativa que as redações das rádios tinham mais trabalhadores homens, mas declara que não teve dificuldades relativas a isso. Segundo ela eram “poucas mulheres trabalhando no rádio, se tu comparares com o número de homens é muito pouco. Eu não tenho do que me queixar, para mim sempre foi boa a relação, de respeito...”. Para ela, o fato de gostar de trabalhar com homens foi um fator que a ajudou a ter uma boa relação com os colegas.

Eu sempre preferi trabalhar com homem do que com mulher, porque queira ou não queira tem aquele estereótipo e eu não sei se eu sou machista neste ponto ou não, mas eu não gosto muito de conversa, de casa, de roupa, de filho, mesmo sendo mãe eu nunca gostei muito desse tipo de papo. A minha cabeça é muito masculina, eu gosto de conversar de emprego, eu gosto de conversar de trabalho, eu gosto de conversar de notícia, de política, quando eu estou no ambiente de trabalho é disso que eu gosto de falar. Então eu me sentia sempre muito à vontade com eles, eu gostava daquilo e nunca fui tratada com desrespeito, sempre fui tratada de igual para igual com eles (CUNHA, 2018).

Um fato revelado em sua narrativa foi a sua participação na equipe de Futebol da Rádio Tupanci por volta do ano de 1977. Segundo Teresa, possivelmente ela foi a primeira mulher a participar da jornada esportiva em uma rádio Pelotense. “não sei se a Cleusa fez também alguma coisa de futebol, nunca conversei com ela sobre isso, como

ela é mais velha do que eu, ela estava no rádio antes de mim, mas eu não sei se ela estava só em estúdio ou como repórter de rua...”. Teresa conta como foi a experiência:

E quando eu trabalhei lá na Tupanci, além de fazer essa parte das notícias, eu também entrei no futebol, então era muito interessante porque era a equipe toda masculina, acho que tinha uns 4 ou 5 e eu de mulher e eu ia para o estádio com eles e era muito legal porque eles me conseguiram um banquinho baixinho para eu sentar, ali dentro do campo com eles, na beirada, então eu ficava ali sentada com eles, assistindo ao jogo, na época claro que eu não me animava a falar muito sobre o que estava acontecendo, mas eu ficava ali sentada... (CUNHA, 2018).

A radialista destaca que na época ainda eram poucas as discussões sobre o feminismo e, por isso, essas questões não eram observadas com a profundidade que o tema alcançou na atualidade.

Porque assim naquela época não tinha muito essa coisa de feminismo, essa coisa... mas então a gente não fazia essa separação, eu mesmo só fui entender mais o que que era isso, quando eu voltei pela segunda vez para Brasília, no ano 2000, que eu fui trabalhar com a Senadora que relatou a Lei Maria da Penha do Senado, a Lucia Vania de Goiás e aí é que aquilo me abriu assim para essa questão da violência contra mulher, essa coisa toda, porque para a gente sabia que existia essa coisa de marido bater na mulher, e essa dimensão de tudo isso, eu só fui me dar conta quando eu assessoriei a Lucia Vania, e aí quando elas começaram aquela coisa de viajar o Brasil inteiro fazendo pelas audiências públicas no Brasil inteiro e mulheres e mulheres e mulheres e mandando prender homens por estupro e até políticos e tudo e as mulheres aparecendo e casos e casos e caso... e aí tu vê o tamanho que é (CUNHA, 2018).

Já a radialista Maria Alice Estrella entrou para o quadro da Universidade Federal de Pelotas mais tarde, em 1993, como assistente administrativo. Nessa época ela atuou como secretária do reitor por dois anos e, em 1995, por indicação do pró-reitor Elifalete Xavier, foi chamada a fazer um teste na Rádio Federal FM. Para ela, a indicação se deve ao fato de que na época ela declamava poemas em determinados eventos e a sua voz passou a ser reconhecida. Estrella lembra como foi o seu teste para a função de locutora da emissora:

Eu ingressei na rádio fazendo um teste para saber se a minha voz era uma voz audível, era uma voz compatível com o microfone. Foi muito interessante porque o meu primeiro teste durou quatro horas, apenas com uma Lauda, eu não tinha tido experiência dentro de um estúdio de rádio. Eu já tinha sido entrevistada, em outras ocasiões, mas era uma coisa assim bem mais fácil. Naquele momento parecia assim que eu, fechada numa sala no estúdio, com uma porta à prova de som, só com um telão na minha frente, vendo as pessoas do outro lado e eles me orientando como eu tinha que postar o meu corpo, como eu tinha que pronunciar as palavras, a maneira de falar... foi muito interessante, foi um trabalho exaustivo de quatro horas, tipo assim: não é assim, tá errado, repete... Puxaram muito por mim e eu agradeço muito a esses companheiros e colegas que exigiram de mim esse esforço. E sai dali, daquele estúdio sem saber se eu seria ou não aproveitada na rádio, até que ponto a minha voz serviria à rádio. (ESTRELLA, 2017)

Através da narrativa da radialista, fica evidente que o ambiente do teste não era confortável (embora ela não tenha sentido isto), tendo em vista que, de acordo com o seu relato, quatro homens passaram quatro horas exigindo um esforço da entrevistada. Em sua fala, Estrella retoma um pouco do que sentiu naquele momento:

Mas a minha primeira experiência na frente do microfone foi realmente, eu tive aquela dor de palco, eu achei que não ia dar certo, que eu não ia conseguir, que eu não ia dominar e hoje eu domino assim, dentro das minhas limitações, mas eu domino com muita boa vontade, com muita garra mesmo (ESTRELLA, 2017).

De todo modo, Estrella foi chamada já no outro dia para atuar na emissora e integra o seu quadro desde então. Neste sentido, ao ser chamada para assumir a função de locutora da rádio, a radialista acredita que passou a desempenhar um papel muito importante dentro da Rádio Federal FM.

[...] desde então eu comecei um trabalho que eu refuto assim como um dos mais importantes dentro do rádio, no sentido de que a rádio É notícia, é entretenimento, é música principalmente e nós tínhamos programações musicais durante o dia inteiro até a noite e eram três blocos: manhã, tarde e noite e após cada três músicas, eu fazia a locução do título da música, do autor e dos intérpretes e isso eram várias laudas, porque eram muitas músicas e eu gravava então, em um rolo, naqueles gravadores de rolo pré-históricos (ESTRELLA, 2017).

A voz da entrevistada acabou tornando-se um estilo de voz de FM na cidade e porque não da região sul do estado, tendo em vista que a rádio já chegou a atingir cerca de 30 municípios da região. Na cidade, é conhecida como a Voz da Federal, devido a esse fato, a radialista não faz locução comercial. Em sua narrativa, Lopes reconhece o mérito da voz da colega: “eu por exemplo, eu reconheço, a Maria Alice Estrella, como uma voz de excepcional valor, acho uma voz muito linda, uma dicção muito boa”. O reconhecimento da voz de Estrella também pode ser constatado na sua própria narrativa, quando ela discorre sobre o fato de ser muitas vezes reconhecida pela sua voz, ao falar em público em situações cotidianas.

Quando eu dizia para o taxista: eu quero ir até a Faculdade de Direito. - Eu conheço a sua voz. “- O senhor ouve rádio?” “- Ouço!” “- O senhor ouve a Federal FM?” “- Ouço!” “- Pois eu sou aquela voz que o senhor ouve de vez em quando.” “- Ah, mas não é possível...”. Então, essa identidade passou a ser uma coisa muito gratificante para mim, porque reconheciam a minha voz, o meu trabalho que estava ali e por um acaso, porque eu nunca imaginei na vida que a minha voz seria o meu instrumento de trabalho (ESTRELLA, 2017).

A narrativa ainda mostra o orgulho que a entrevistada tem do seu trabalho. Contudo, ela fala um pouco sobre a sua insegurança de falar ao vivo no microfone da

rádio. Estrella atribui essa insegurança ao fato de não ter cursado a Faculdade de Jornalismo.

Inclusive eu também estou participando eventualmente do Bom Dia Federal que é ao vivo e é muito interessante, porque eu ainda não consigo me desinibir, por não ter cursado jornalismo, eu não consigo me desinibir ao ponto de comentar uma notícia assim como os estagiários nossos fazem e como o Roberto que é o coordenador do programa ao vivo. Ele faz as vezes comentários e eu fico olhando para ele com medo, com aquele receio, porque eu ainda estou muito presa ainda naquela coisa do estúdio em que eu posso, se eu errar, eu repetir (ESTRELLA, 2017).

Ao citar um colega já falecido, Mancini, percebe-se a importância dele para a autoestima da entrevistada enquanto trabalhadora do rádio. O discotecário também aparece nos relatos de Vera Lopes, como sendo um ótimo profissional e companheiro de trabalho.

[...] o Mancini falava muito sobre a minha voz, ele trabalhava em rádio há muitos anos, e que a minha voz era uma... era um prazer para ele ouvir, isso para mim era... ele era um incentivador meu sabe? Todo aquele meu medo, aquela minha insegurança, o Mancini que era realmente o mais antigo em rádio, ele me passava uma tranquilidade enorme, ele dizia que eu estava bem no que eu estava fazendo, que eu não precisava me preocupar, “- Tá tudo muito bem...”. Ele era uma criatura extraordinária, uma criatura de um conhecimento musical fora do normal. [...] Ele era uma ternura pura, era uma pessoa de uma delicadeza de uma atenção com as pessoas, foi um grande amigo... (ESTRELLA, 2017).

É importante salientar ainda a demonstração de carinho que as entrevistadas têm com o rádio, o que não se notou em outras entrevistas com os radialistas que fizeram parte do cotidiano do rádio, em alguns momentos, Vera Lopes e Maria Alice Estrella ficaram emocionadas. Além disso, foi possível perceber uma dedicação quase que integral dessas trabalhadoras a sua atuação na Rádio Federal FM.

[...] mas é que o rádio para mim é de uma preciosidade de uma de uma acuidade tão grande né? Eu tenho um respeito tão grande pela comunicação do rádio e sou uma ouvinte de rádio há décadas, desde menina eu ouço rádio, o rádio fez parte da minha meninice, da minha adolescência, da minha juventude, como hoje a internet faz parte da vida dos humanos (ESTRELLA, 2017).

Da mesma forma, Vera Lopes demonstra um envolvimento afetivo pelo seu trabalho, pelo ambiente da Rádio e, sobretudo, pela oportunidade que teve de ser diretora da Rádio, em 2013. Um fato que marcou a entrevista foi a constante curiosidade sobre a atualidade da emissora. Apesar de estar com a visão comprometida, Lopes citou várias vezes que a filha lê as notícias da UFPel e da Rádio Federal FM para ela. Além disso, a entrevistada, muitas vezes, narrava informações da emissora que ocorreram após a sua aposentadoria descrevendo esses fatos como se ainda estivesse presente no

cotidiano da Rádio. A radialista diz que passou por muitos momentos bons na emissora, local onde se descobriu gostando de ser entrevistadora. Sobre essa descoberta, Vera Lopes (2017) afirma que a entrevista é o seu chão, é o que ela entende que fez melhor em sua trajetória.

Acho que fiquei devendo muito, queria ter feito muito mais, aproximado muito mais, mas foi o que deu para fazer, gostava muito, tinha muita alegria em fazer o que eu fiz e, finalmente, depois quando eu tive essa possibilidade de ser a diretora da rádio, aí sim a gente resolveu assumir a política que vinha sendo implantada no Brasil e especialmente na UFPel, que era o que? Política de integração com o Mercosul (LOPES, 2017).

Em artigo que analisa a inserção das mulheres nas estruturas de tomada de decisão nos meios de comunicação europeus, Ross (2017) destaca que, como em várias áreas da vida social, econômica e cultural no século XXI, o número de mulheres em cargos com o poder de tomada de decisão nos meios de comunicação é muito baixo, principalmente quando comparado com a força de trabalho do setor analisado.

O estudo revelou que o serviço público tem mais probabilidade de inserir a mulher em cargos de maior poder dentro da organização, “cerca de um terço de todas as posições que temos nos serviços públicos de radiodifusão e cerca de um quarto dos cargos no setor privado são ocupados por mulheres” (Ross, 2017, p. 66). No Brasil, esta realidade também faz parte do cotidiano feminino.

Quanto a sua inserção na rádio, Estrella lembra que, na ocasião em que assumiu a sua função na emissora, teve uma adaptação tranquila devido ao fato da Rádio já possuir três mulheres em seu quadro, a assistente administrativa que desempenhava a função de jornalista devido a sua formação na área, Zari Machado Gonçalves, a diretora de produção, Vera Lopes e a secretária Nádia Brião. Porém destaca a baixa inserção da mulher nas rádios de Pelotas nesta época.

Tudo ocorreu tranquilamente bem. Eu acho que não era comum a presença de mulheres nas rádios, porque a Tupanci me chamou algumas vezes para ler alguns textos para eles, porque eles não tinham voz feminina. A voz feminina, estou falando da locução, era muito rara. Naquela época, talvez fosse eu e mais alguma outra pessoa, que eu não conheço, mas que não havia. A minha voz era... talvez por isso eu tenha me destacado de alguma maneira, por ser a única. A Maria Luiza Benites fazia chamadas para a rádio e, a partir do momento que eu entrei, ela deixou de fazer, ela era Porto Alegrense se não me engano. Ela fazia lá e mandava para cá, pequenos spots, mas voz feminina mesmo fui sempre eu (ESTRELLA, 2017).

Sobre a oportunidade de emitir opinião e ajudar a decidir questões relativas à emissora, Estrella (2017) alega que “teve a liberdade de sugerir pautas ou outras coisas com o Leandro Maia, talvez por ele ser artista e tenho agora com o Rafael”. Leandro

Maia foi diretor em 2014 e Rafael Cavalheiro é o atual diretor. Um dos desejos da radialista é que a sua voz volte a ser utilizada na locução dos blocos de músicas da rádio.

Às vezes eu pergunto: e a minha voz quando vai voltar para o intervalo da música, mas não dá porque não tem operador suficiente, mas um dia talvez, está tudo no arquivo e no momento que eu gravo a minha voz não é mais minha é do governo... (ESTRELLA, 2017)

Em depoimento enviado por um dos diretores da Rádio em forma de entrevista semiestruturada, João Manuel dos Santos Cunha, fica evidente a qualidade do trabalho desenvolvido pelas radialistas que desempenharam o seu ofício na Rádio Federal FM. Ele diz que o trabalho que as “produtoras fizeram, aliás, foi o que de melhor se produziu na Rádio Cosmos durante o tempo em que a dirigiu”.

Em suma, existem, muitos meios, diretos ou não, de ser uma mulher pública, com a condição de dar a essa expressão certa extensão. Ser reconhecida como tal revela-se mais difícil e sempre suspeito (PERROT, 1998, p.11).

A partir da análise dos resultados das entrevistas, fica evidente o lugar atingido pela mulher que superou diversas dificuldades para conquistar um espaço em território marcadamente masculino. Na Rádio Federal FM, talvez por ser um ambiente público, as mulheres obtiveram bons resultados em termos de inserção no cotidiano da rádio. É interessante, no entanto, a análise das dificuldades de cada uma delas, além da percepção que cada uma tem sobre o trabalho que desempenharam ou desempenham. Emoção, prazer em exercer seu ofício, conquista de confiança e de credibilidade, além de dificuldades cotidianas, foram algumas das características que são observadas nas carreiras dessas profissionais.

## CONCLUSÕES

Ser mulher e radialista, apesar de se mostrar por muito tempo excludente, hoje é mais possível. O jornalismo, na sua vertente radialista, era uma profissão prioritariamente masculina, mas o campo de atuação está a cada dia mais sendo exercido pelas mulheres.

Embora ainda sejam minoria do ponto de vista numérico, elas vêm ganhando espaço nos meios de comunicação e, de forma mais lenta no rádio, muito devido a este ter um conteúdo, muitas vezes, voltado mais aos esportes, especialmente o futebol.

As lutas travadas pelas mulheres possibilitaram a conquista de várias melhorias<sup>7</sup> em sua vida em geral, o preconceito dentro do local de trabalho diminuiu, a inserção no mundo do trabalho aumentou, a discriminação com relação ao estado civil da mulher também se alterou e o nível de escolaridade já é maior entre as mulheres em relação aos homens.

Nota-se que as mulheres precisam se preparar muito mais para provar que são competentes. Este fato é facilmente evidenciado no campo radiofônico, tendo em vista que a comunicação foi regulamentada e, em 1979, passou a exigir curso de formação. Nesta época, os profissionais que já atuavam no ramo, prioritariamente homens, conseguiram as suas carteiras profissionais, tanto de jornalista como de radialista sem necessidade de formação. Desta forma, percebe-se que atualmente as mulheres possuem a formação para conseguir desempenhar seu papel na área, porém muito homens não a possuem.

As dificuldades das mulheres radialistas em geral não são diferentes das dificuldades da trabalhadora de qualquer área. No caso da Rádio Federal FM, os salários não podem ser comparados tendo em vista que os rendimentos são equivalentes entre homens e mulheres. As radialistas que fazem ou fizeram parte do quadro da emissora da UFPel, recebem como assistentes administrativos, tendo em vista que só desenvolvem as suas funções como radialistas. Contudo, nota-se a dificuldade que elas tiveram para chegar a ocupar cargos de direção dentro do veículo. Nos 37 anos da Rádio Federal FM, apenas duas mulheres chegaram a administração da Rádio. A primeira foi a entrevistada Vera Lopes, que ficou à frente da Rádio por um ano e dez meses, até se aposentar em 2014. Vera, apesar de sua longa trajetória, só conquistou o cargo em 2013, 30 anos depois que entrou na Universidade, em um momento em que a administração da instituição foi assumida por um mandato progressista.

Cabe lembrar que grande parte dos problemas e dificuldades das trabalhadoras verificada nessa pesquisa, vem da situação global de discriminação vividas pelas mulheres enquanto profissionais. Esse fato pode ser analisado, sobretudo, através da constatação de que a Rádio Federal FM está ligada à Universidade Federal de Pelotas,

---

<sup>7</sup> Uma questão, no entanto, não tem mudado e diz respeito à violência contra a mulher. Para saber mais ver CHAVES, Elisiane. “[...] eu quebrei a pau, chutei, arrosei os dois olhos, eu gostava tanto dela, não era pra ter feito aquilo comigo”: narrativas de réus julgados por violência doméstica na comarca de Pelotas-RS (2011-2018). Dissertação (Mestrado em História), UFPel, 2018. <https://wp.ufpel.edu.br/ppgh/files/2018/06/Elisiane-Medeiros-Chaves.pdf> Acesso em 04 de dezembro de 2018.

uma instituição pública que tem como critério de ingresso em seu quadro permanente de servidores, a aprovação em um concurso público. Fora a equipe inicial da emissora, formada em uma época em que o serviço público ainda não exigia concurso, as futuras vagas disponibilizadas via concurso, foram preenchidas por homens, o que evidencia que o ofício de radialista é uma profissão prioritariamente masculina.

A busca das memórias da Rádio Federal FM, através da história oral, possibilitou o acesso a questões importantes para a análise da história da emissora e, sobretudo, da inserção da mulher neste ambiente prioritariamente masculino. Esses acontecimentos certamente não seriam encontrados em outros tipos de fontes e possibilitaram reconstituir um pouco da programação, da concepção e do desenvolvimento da emissora, ao longo de sua trajetória.

Através dos relatos, fica evidente que as mulheres precisam a cada dia se engajar mais na reflexão sobre a sua situação e na luta por mudanças que garantam os mesmos direitos e espaço oferecido aos homens.

Este trabalho constituiu-se de reflexões preliminares acerca da história da Rádio Federal FM e suas trabalhadoras e fará parte de uma pesquisa maior com o objetivo de reunir um conjunto de memórias e interpretá-las de modo a tecer a história cotidiana da Rádio Federal FM.

## **FONTES PRIMÁRIAS**

Maria Alice Estrella. Radialista. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na casa da entrevistada, Pelotas, 2017.

Vera Lopes. Radialista aposentada. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na casa da entrevistada, Pelotas, 2017.

João Manuel dos Santos Cunha. Professor aposentado. Entrevista semiestruturada concedida a Silvana de Araújo Moreira. Pelotas, 2017.

Maria Teresa Cunha. Jornalista e Radialista aposentada. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na Câmara dos Vereadores, Pelotas, 2018.

Zari Machado Gonçalves. Jornalista e Radialista aposentada. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na casa de sua mãe, Pelotas, 2018

<[wp.ufpel.edu.br/federalfm/](http://wp.ufpel.edu.br/federalfm/)>. Acesso em 23 de outubro de 2016.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BLOIS, Marlene. Rádio Educativo no Brasil. Uma história em construção. In: HAUSSEN, Dóris e CUNHA, Magda (Orgs). *Rádio brasileiro: episódios e personagens*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

BORGES, Giuliana Borges. Cantoras do rádio e mulheres – um estudo sobre representações femininas no Brasil da década de 1950. *Dissertação* Mestrado em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade estadual de Campinas, 2017.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAVES, Elisiane. “[...] eu quebrei a pau, chutei, arroxeei os dois olhos, eu gostava tanto dela, não era pra ter feito aquilo comigo”: narrativas de réus julgados por violência doméstica na comarca de Pelotas-RS (2011-2018). *Dissertação* (Mestrado em História), UFPel, 2018.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: M. N. Strey, S. T. L. Cabeda & D. R. Prehn (Orgs.). *Gênero e cultura: questões contemporâneas* (Coleção Gênero e Contemporaneidade, Vol. I, pp. 13-38), Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FONSECA, Vicente Fernandes Dutra. Rádios universitárias federais gaúchas: um estudo da programação jornalística. *Trabalho de Conclusão do Curso* de Comunicação Social. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e nós mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 234, jan. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100014/8721>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

LIPOVETSKY, G. A. *A terceira mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2017.

MENDELL, Toby. *Serviço público de radiodifusão: um estudo de direito comparado*. Brasília: UNESCO, 2011.

PERROT, Michelle. *Minha história das Mulheres*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ROSS, Karen. As mulheres nas estruturas de tomada de decisão nos meios de comunicação europeus. *Media & Jornalismo*, n. ° 30, vol. 17, n. ° 1, p. 63, 2017.

ZUCULOTO, Valci. *O rádio público no Brasil: resgate histórico e transformações contemporâneas das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro*. CECS-Publicações/eBooks, p. 65-82, 2015. Disponível em: [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/2145/2063](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2145/2063)